

## Apropriação

Sylvia Cavalcante  
Terezinha Façanha Elias

### Entendimento geral

Apropriação é um processo psicossocial central na interação do sujeito com seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando *um lugar seu*. Ao imprimir marcas e alterações visíveis, o sujeito cria um *aqui* no qual dispõe seus pertences e que vai lhe servir de referência, permitindo-lhe orientar-se e preservar sua identidade. Quando moldados e adaptados às necessidades de seus habitantes, uma casa, um quarto ou um escritório são considerados exemplos típicos de apropriação.

Apropriar-se significa também exercer domínio sobre um espaço e objetos, embora não seja necessário ter sua posse legal. Na verdade, é possível dizer que toda atividade humana reflete uma apropriação. Isso se dá por meio dos diferentes modos de percepção, orientação e ação: a pessoa se projeta no espaço ao mesmo tempo em que o introjeta.

O processo de apropriação varia em intensidade. O grau mínimo de apropriação se dá através do *olhar*, que torna as coisas conhecidas, suscitando no observador um sentimento de domínio e familiaridade em relação ao objeto ou lugar. A

fotografia (como concretização da apropriação visual), a decoração (como expressão funcional e estética da subjetividade) e o fechamento topológico do espaço (como marco de proteção e referência do indivíduo) constituem estágios crescentes de apropriação.

## Histórico

A noção sociológica de apropriação se origina das observações empíricas das interações do homem com o ambiente e se delineia em contraponto à noção de alienação, definida por Marx (1978) como a não identificação do sujeito com os objetos que fabrica. No processo de apropriação, contrariamente, a partir de um *savoir faire*, há um autorreconhecimento do sujeito no lugar e nos objetos que escolhe ou cria. O profissional de arquitetura, ao imprimir sua marca por meio do projeto de uma casa, exerce um tipo de apropriação, muitas vezes contradita pelo residente que precisa se re-apropriar do espaço construído, ocupando-o e dando-lhe uma configuração própria, fazendo dele seu ninho (*nidificação*). Disto são bons exemplos cozinhas com disposições padronizadas e decorações de quartos de adolescentes concebidas sem consulta, muitas vezes modificadas posteriormente pelo usuário.

O uso em psicologia do conceito de apropriação se reporta a Vygotsky (SPELLER, 2005) e a Leontiev (GRAUMAN, 1976; SERFATY-GARZON, 2003) e designa a apreensão que a pessoa faz do mundo – de sua cultura e práticas sociais –, apreensão esta que lhe permite se conceber enquanto sujeito e apropriar-se de sua continuidade histórica por meio da linguagem e da ação.

Em outras palavras, Grauman (1976: 130) sintetiza o conceito psicológico de apropriação, afirmando:

A apropriação individual é essencialmente a interiorização de significados socialmente definidos, um processo que é equivalente ao processo de humanização. [...] Toda apropriação, sendo por natureza social, reflete necessariamente a estrutura específica da sociedade em um momento da história.

Nos estudos das relações entre pessoa e ambiente destaca-se a III Conferência da International Association for People-Environments Studies (Iaps), realizada em Strasbourg, em 1976, que teve como tema central a apropriação do espaço. O encontro motivou vários pesquisadores a refletirem sobre este conceito, destacando seus aspectos característicos segundo a perspectiva de sua área de estudo. Mais tarde, em 1996, Enric Pol, pesquisador da Universidade de Barcelona, buscou integrar os principais traços distintivos desta noção a partir das formulações de alguns desses teóricos.

## Manifestação da apropriação

Em sua definição, Pol (1996) destaca elementos estruturais e complementares do processo de apropriação: a apropriação por *ação/transformação* e a apropriação por *identificação simbólica*. A apropriação por *ação/transformação* geralmente vem antes e consiste em comportamentos explícitos que vão desde a demarcação de um espaço até uma ocupação territorial mais elaborada e complexa. Pode ser traduzida por atitudes de reivindicação, delimitação e defesa diante de ameaças percebidas, por densidade ou invasão. Neste caso, o processo de apropriação se aproxima do comportamento de *territorialidade*, que, segundo Fischer (1989), con-



siste na necessidade inerente ao indivíduo de ter e delimitar um território com o objetivo de assegurar alimentação, proteção e familiaridade com o meio ambiente. Distingue-se, no entanto, desse comportamento, pois os estudos da conduta territorial não incluem os processos de mudança no indivíduo e tratam superficialmente a temporalidade e a análise transcultural, aspectos comuns ao conceito de apropriação (SERFATY-GARZON, 2005).

A apropriação *por identificação* compreende processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço (extensão) em lugar reconhecível e pleno de significado para o sujeito ou grupo social. Para exemplificar esses processos, podemos evocar as representações mentais que orientam a conduta espacial do sujeito (processo cognitivo); a busca intencional de bem-estar que acarreta modificações para a adequação dos espaços a um ideal representado (processo afetivo) e, ainda, a *personalização* que dota o entorno de um significado para a pessoa e para os outros (processo interativo).

Apenas para efeitos didáticos, esses processos são apresentados em separado; é importante, portanto, sublinhar que eles são complementares e estão imbricados entre si, sendo o contato social central na atribuição dos significados e nas manifestações comportamentais.

Pol (1996) ressalta ainda a dimensão temporal e sequencial da apropriação, destacando que ela não se produz por ato isolado, mas que se expressa no tempo por meio de comportamentos distintos. No início, predominam os comportamentos de mudança, transformação e ajustamento do espaço que tem por objetivo dotá-lo de significado para o sujeito. Em seguida, sobressaem a identificação do sujeito e da cole-

tividade com o significado criado e a busca de sua preservação. É importante ressaltar o movimento no sentido de conservar a significação adotada, pois esta confere identidade e torna-se referência social e espacial. Neste aspecto, a noção de apropriação se aproxima daquelas de *apego ao lugar/vínculo com o lugar* (*place attachment*) e *identidade de lugar*.

Observando a dinâmica do processo de apropriação, Vilela Petit (1976) assinala que a implicação mútua da pessoa com seus espaços apropriados cresce com o tempo ou, contrariamente, pode imobilizar o indivíduo em seus modos de ser e de fazer, de forma que ele não consegue se desvencilhar da relação primeira que estabeleceu com o espaço: ele se apropria do espaço e o espaço se apropria dele. É o que ela chama de *espaço apropriante*.

Por outro lado, é importante ressaltar que a apropriação exige uma confirmação contínua (reapropriação), pois, ao abandonar suas conquistas, o sujeito corre o risco de sofrer *desapropriação* (CHOMBART DE LAUWE, 1976), consequência comum nos espaços públicos, seja porque a pessoa não é reconhecida em sua ocupação, seja porque os espaços não correspondem às suas aspirações. Sentar-se costumeiramente em um banco de uma praça, por exemplo, não permite reservá-lo para uso próprio: qualquer pessoa pode ocupá-lo, sem que se possa solicitar sua retirada.

Apesar de a apropriação dos espaços públicos e privados ocorrer da mesma forma, convém lembrar que as duas fases do processo – ação/transformação e identificação – são mais facilmente observáveis nos espaços privados. A apropriação dos territórios públicos dá-se principalmente por identificação, sendo possível também sua ocupação, mesmo sem o domínio legal do espaço. Historicamente, algumas sociedades



não avançaram muito nessa demarcação entre o público e o privado, permitindo condutas de privatização do espaço público. São exemplos disso, hoje em dia no Brasil, os vigilantes que se apropriam das ruas e cobram pelo estacionamento dos carros e mesmo os governantes que fazem uso da coisa pública como se fora um território particular.

Como conclusão, é possível dizer que na noção de apropriação estão implícitas a ideia de adaptação de um espaço a um uso definido pela pessoa, assim como as ações que ela implementa para a obtenção deste fim (SERFATY-GARZON, 2003). A apropriação constitui um dos processos fundamentais da relação pessoa-ambiente e da formação de *lugares*, que são a marca da natureza humana no espaço.

## Referências

CHOMBART DE LAUWE, P.H. (1976). Appropriation de l'espace et changement social. In: KOROSEC-SERFATY, P. *Appropriation de l'espace* – Actes de la 3<sup>ème</sup> Conférence Internationale de Psychologie de l'Espace Construit. Estrasburgo, p. 25-33.

FISCHER, G.-N. (1989). La notion de territoire. *Psychologie des Espaces de Travail*. Paris: Armand Colin.

GRAUMAN, C.F. (1976). Le concept d'appropriation (aneignung) et le modes d'appropriation de l'espace. In: KOROSEC-SERFATY, P. *Appropriation de l'espace* – Actes de la 3<sup>ème</sup> Conférence Internationale de Psychologie de l'Espace Construit. Estrasburgo, p. 127-132.

MARX, K. (1978). *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril [Col. Os Pensadores].

POL, E. (1996). A apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E. *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 45-62.

SERFATY-GARZON, P. (2005). *Chez soi* – Les territoires de l'intimité. Paris: Armand Colin.

\_\_\_\_\_. (2003). L'Appropriation. In: SEGAUD, M.; BRUN, J.; DRIANT, J.-C. *Dictionnaire Critique de l'habitat et du logement*. Paris: Armand Colin, p. 27-30.

SPELLER, G.M. (2005). A importância da vinculação aos lugares. In: SOCZKA, L. (org.). *Contextos humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, p. 133-167.

VILELA-PETIT, M. (1976). Espace approprié – espace appropriant. In: KOROSEC-SERFATY, P. *Appropriation de l'espace* – Actes de la 3<sup>ème</sup> Conférence Internationale de Psychologie de l'Espace Construit. Estrasburgo, p. 219-226.

---

**Leia também, neste volume, os capítulos 4) Apego ao lugar; 11) Comportamento socioespacial humano; 14) Espaço e lugar; 17) Identidade de lugar.**

---



Sylvia Cavalcante  
Gleice A. Elali  
(orgs.)

## Temas básicos em Psicologia Ambiental

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Temas básicos em Psicologia Ambiental / Sylvia  
Cavalcante, Gleice A. Elali (organizadoras). –  
Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

Vários autores

Bibliografia

ISBN 978-85-326-4138-0

1. Psicologia Ambiental I. Cavalcante, Sylvia.  
II. Elali, Gleice, A.

11-04079

CDD-155.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia Ambiental 155.9

 EDITORA  
VOZES

Petrópolis